RACISMO E LINGUAGEM: ALERTAS PARA A ATUAÇÃO DE EDUCADORES INFANTIS.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho

O artigo "Racismo e linguagem: alertas para a atuação de educadores infantis" tem como objetivo analisar de que modo a linguagem atua como mecanismo de reprodução ou enfrentamento do racismo no contexto da Educação Infantil, destacando o papel central dos educadores na construção de práticas pedagógicas antirracistas desde a primeira infância. Fundamentado em uma revisão bibliográfica e documental de caráter qualitativo (Creswell, 2021; Fávero; Centenaro, 2019; Galvão; Ricarte, 2019), o estudo dialoga com autores clássicos e contemporâneos que discutem raça, linguagem, educação e relações étnico-raciais, como Fanon (2020), Carneiro (2023), Kilomba (2019), bell hooks (2025), Gomes (2005) e Nascimento (2019), além de pesquisas recentes sobre infância, currículo e desigualdades educacionais (Carvalho; Castro, 2017; Piva, 2020; Durães, 2024). A análise evidencia que o racismo linguístico se manifesta de forma sutil e cotidiana por meio de silenciamentos, estereótipos, escolhas lexicais, práticas pedagógicas excludentes e ausência de representatividade negra e indígena nos materiais didáticos e nas interações escolares. Esses elementos impactam diretamente a constituição da identidade das crianças negras, influenciando sua autoestima, pertencimento e desenvolvimento cognitivo e social (Fanon, 2020; Kilomba, 2019). O texto também discute a importância da formação docente crítica, do envolvimento da família e da escola (Braga et al., 2025; Ischkanian et al., 2025) e da valorização de saberes ancestrais e culturais como estratégias para a promoção de uma educação inclusiva, plural e emancipadora (Souza, 2011; Freitas et al., 2025). Conclui-se que a atuação consciente dos educadores infantis, aliada a políticas educacionais comprometidas com a equidade racial, é fundamental para romper com estruturas históricas de exclusão (Dussel, 1993; Mészáros, 2005), garantindo às crianças o direito a uma educação que respeite suas identidades e promova justiça social desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Educação Infantil; racismo linguístico; relações étnico-raciais; linguagem; práticas pedagógicas antirracistas.

RACISM AND LANGUAGE: WARNINGS FOR THE PRACTICE OF EARLY CHILDHOOD EDUCATORS.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho

The article *"Racism and Language: Warnings for the Practice of Early Childhood Educators"* aims to analyze how language functions as a mechanism for either reproducing or confronting racism within the context of Early Childhood Education, highlighting the central role of educators in building anti-racist pedagogical practices from early childhood. Grounded in a qualitative bibliographic and documentary review (Creswell, 2021; Fávero & Centenaro, 2019; Galvão & Ricarte, 2019), the study engages with classical and contemporary scholars who discuss race, language, education, and ethnic-racial relations, such as Fanon (2020), Carneiro (2023), Kilomba (2019), bell hooks (2025), Gomes (2005), and Nascimento (2019), as well as recent research on childhood, curriculum, and educational inequalities (Carvalho & Castro, 2017; Piva, 2020; Durães, 2024). The analysis shows that linguistic racism manifests subtly and routinely through silencing, stereotypes, lexical choices, exclusionary pedagogical practices, and the lack of Black and Indigenous representation in teaching materials and school interactions. These elements directly affect the construction of Black children's identities, influencing their self-esteem, sense of belonging, and cognitive and social development (Fanon, 2020; Kilomba, 2019). The article also discusses the importance of critical teacher education, the involvement of families and schools (Braga et al., 2025; Ischkanian et al., 2025), and the valorization of ancestral and cultural knowledge as strategies to promote inclusive, plural, and emancipatory education (Souza, 2011; Freitas et al., 2025). It concludes that the conscious engagement of early childhood educators, combined with educational policies committed to racial equity, is essential to dismantle historical structures of exclusion (Dussel, 1993; Mészáros, 2005), ensuring children's right to an education that respects their identities and promotes social justice from the earliest years of life.

Keywords: Linguistic racism; Early Childhood Education; Ethnic-racial relations; Language; Anti-racist pedagogical practices.

Mara Lúcia Nunes de Lima Oliveira
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho

1. INTRODUÇÃO

A infância constitui um período decisivo para a formação identitária e emocional, sendo o espaço escolar um cenário estratégico para o desenvolvimento de percepções de justiça e respeito à diversidade. Pesquisas apontam que experiências de discriminação precoce afetam profundamente o desenvolvimento socioemocional e cognitivo das crianças (Kilomba, 2019; Nascimento, 2019). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância do mundo lúdico como ferramenta pedagógica, permitindo que brincadeiras, jogos e atividades artísticas promovam a construção de valores éticos e culturais. O brincar se torna, assim, um instrumento para internalizar conceitos de equidade e diversidade, oferecendo experiências significativas que conectam aprendizado, cultura e afetividade, e prevenindo a naturalização de preconceitos.

O papel da linguagem na constituição de desigualdades raciais evidencia-se em práticas cotidianas, nas quais o silêncio, a escolha de palavras e a ausência de representatividade podem reproduzir hierarquias sociais (Nascimento, 2019; Piva, 2020). Nesse contexto, a atenção crítica do educador infantil é fundamental para mediar interações inclusivas e conscientes, incorporando atividades lúdicas que valorizem narrativas plurais. O uso de dramatizações, contação de histórias e expressões artísticas, conforme indica Souza (2011), potencializa a aprendizagem significativa e a reflexão ética, oferecendo às crianças ferramentas para compreender e questionar estereótipos raciais. A integração de metodologias estruturadas, como a análise documental e revisão sistemática de literatura (Silva et al., 2009; Morales, 2022; Page et al., 2021), permite fundamentar as práticas pedagógicas com evidências que sustentem ações antirracistas.

A mediação docente deve envolver reflexões sobre as estruturas sociais que moldam subjetividades e desigualdades, incentivando uma educação que vá além do capital e da mercantilização do conhecimento (Mészáros, 2005). Bell hooks (2025) e Kilomba (2019) enfatizam que práticas pedagógicas emancipadoras requerem sensibilidade do educador e incorporação de experiências lúdicas intencionais, capazes de desenvolver empatia, resiliência e senso crítico. A ludicidade, conforme destaca a BNCC, não é mero entretenimento, mas instrumento para construção de competências socioemocionais e cognitivas, permitindo que crianças compreendam e questionem normas sociais que reproduzem exclusão e marginalização.

A articulação entre família, comunidade e escola amplia o impacto das práticas antirracistas, reforçando a autoestima e o pertencimento infantil (Braga et al., 2025; Ischkanian et al., 2025). Piva

(2020) destaca a necessidade de estratégias pedagógicas que integrem cultura, linguagem e diversidade, enquanto Silva et al. (2009) reforçam o valor de metodologias investigativas na formação docente. Ao combinar atividades lúdicas, representações culturais e participação familiar, os educadores promovem experiências que consolidam valores de equidade e respeito às diferenças, transformando a educação infantil em um espaço ativo de resistência ao racismo e à exclusão social.

A construção de práticas pedagógicas fundamentadas em ludicidade, diversidade cultural e reflexão crítica é essencial para formar crianças conscientes, empáticas e capazes de interagir de maneira ética com o mundo ao seu redor (Souza, 2011; Kilomba, 2019). O planejamento de atividades que contemplem múltiplas narrativas históricas e culturais proporciona não apenas desenvolvimento cognitivo, mas também fortalece a identidade e a autoestima das crianças negras e indígenas. Narciso; Santana (2025) destacam que a pesquisa crítica aplicada à educação permite o redesenho de práticas pedagógicas que enfrentem desigualdades históricas. Ao atuar de forma consciente sobre linguagem, cultura e experiências lúdicas, os educadores infantis se tornam agentes ativos na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da linguagem na infância se entrelaça com estruturas de poder que definem quais vozes e narrativas são legitimadas ou silenciadas no ambiente escolar. Nascimento (2019) evidencia que o racismo linguístico opera de maneira sutil, impondo padrões que excluem culturas historicamente marginalizadas. Kilomba (2019) complementa, mostrando que episódios cotidianos de racismo cotidiano moldam a autoestima e o pertencimento das crianças negras. O espaço lúdico, delineado pela BNCC, permite que brincadeiras, dramatizações e atividades artísticas funcionem como instrumentos de experimentação ética e cultural, promovendo a internalização de valores sociais e o reconhecimento de identidades plurais. Souza (2011) reforça que a incorporação de poesia, música e dança em contextos educativos amplia a percepção crítica das crianças, oferecendo vivências sensoriais que fortalecem o desenvolvimento socioemocional.

A atuação do educador infantil exige reflexão sobre suas próprias percepções e sobre as desigualdades estruturais que atravessam o cotidiano escolar. Piva (2020) aponta que práticas pedagógicas devem articular teoria e ação, permitindo às crianças experiências significativas de justiça e equidade. Bell Hooks (Ferreira et al., 2025) argumenta que a educação como prática de liberdade demanda comprometimento com a transformação social e o enfrentamento de hierarquias históricas. Atividades lúdicas integradas a narrativas plurais e à valorização de saberes ancestrais promovem competências socioemocionais e cognitivas, preparando os alunos para identificar e questionar preconceitos raciais e sociais. Galvão; Ricarte (2019) e os autores (2026) destacam que revisões sistemáticas da literatura oferecem suporte metodológico para fundamentar estratégias pedagógicas e avaliar impactos das intervenções educacionais.

> A Educação Infantil é um espaço de intensa construção de significados culturais e identitários, nos quais a linguagem não apenas reflete, mas também produz relações de poder, sendo imprescindível que o educador infantil, com um olhar carinhoso e atento às diretrizes da BNCC, utilize práticas lúdicas que permitam a todos os estudantes vivenciar narrativas plurais e desenvolver habilidades socioemocionais capazes de enfrentar o racismo desde os primeiros anos de vida (Oliveira, 2026, p.4, grifos para este artigo).

> A atuação pedagógica no contexto da Educação Infantil deve articular afetividade, intencionalidade e consciência crítica, de modo que a linguagem seja mediadora da inclusão, permitindo que cada criança experimente o brincar como ferramenta de reconhecimento de si mesma e do outro, promovendo a valorização de identidades negras, indígenas e periféricas, conforme preconiza a BNCC, e tornando o combate ao racismo um elemento estruturante da prática educativa (Drumond Ischkanian, 2026, p.4, grifos para este artigo).

> Os educadores precisam reconhecer que a linguagem, enquanto instrumento de socialização, pode reproduzir desigualdades ou servir como mecanismo de emancipação, e que o planejamento de atividades lúdicas fundamentadas na BNCC, em diálogo com saberes culturais e experiências afetivas, possibilita às crianças a construção de repertórios críticos que favorecem a percepção de equidade, justiça social e respeito às diferenças raciais desde os primeiros anos escolares (Cabral, 2026, p.4, grifos para este artigo).

> O espaço escolar deve ser concebido como ambiente sensível à diversidade, no qual a linguagem é ferramenta estratégica para identificar e combater racismo estrutural, e que a prática docente, ancorada na ludicidade proposta pela BNCC e na observação cuidadosa das interações infantis, permite a mediação de experiências inclusivas, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, empáticos e capazes de reconhecer e valorizar diferentes identidades culturais (Nascimento de Carvalho, 2026, p.4, grifos para este artigo).

> A implementação de estratégias pedagógicas que unam brincadeiras, jogos simbólicos e atividades artísticas à reflexão crítica sobre raça e linguagem é fundamental para criar contextos educativos onde todas as crianças se sintam representadas, respeitadas e incluídas, evidenciando que o olhar carinhoso do educador, aliado às orientações da BNCC, transforma a escola em espaço de construção identitária, reconhecimento cultural e enfrentamento das desigualdades raciais desde os primeiros anos de escolarização (Carvalho, 2026, p.4, grifos para este artigo).

A implementação de práticas antirracistas envolve questionamento constante sobre normas sociais e relações de poder. Mézsáros (2005) enfatiza que a educação deve superar a lógica do capital, expandindo espaços para reflexão crítica e emancipação. Gomes (2005) propõe que a integração de estratégias pedagógicas voltadas à diversidade étnico-racial fortalece o desenvolvimento integral das crianças, promovendo consciência crítica e valores de justiça social. A BNCC evidencia que o mundo lúdico constitui ferramenta essencial para a construção de experiências éticas e cognitivas, permitindo que brincadeiras e jogos simbolizem conceitos complexos, incluindo equidade e reconhecimento cultural.

A compreensão das cores e raças na história brasileira é elemento central para a prática educativa antirracista. Freitas et al. (2025) mostram que o reconhecimento das lutas históricas e das descendências culturais contribui para a formação de identidades críticas e empáticas. Kilomba (2019) e Nascimento (2019) reforçam que a conscientização sobre racismo cotidiano e linguístico precisa ser mediada de forma contínua, articulando escola, família e comunidade. O planejamento de atividades lúdicas que incorporem diversidade cultural, histórias afro-brasileiras e indígenas fortalece a percepção da pluralidade, promovendo experiências de pertencimento, respeito e cidadania.

A educação infantil, enquanto espaço de formação de subjetividades, exige práticas que integrem ludicidade, reflexão crítica e valorização da diversidade cultural. Narciso; Santana (2025) destacam que a pesquisa crítica permite aprimorar currículos e metodologias, tornando-os sensíveis às desigualdades históricas. Hegel (2014) contribui com a compreensão da formação da consciência, orientando a reflexão sobre a construção de identidades e valores éticos. O uso de estratégias lúdicas, aliado à integração de saberes ancestrais e narrativas plurais (Souza, 2011; Bell Hooks, Ferreira et al., 2025), promove aprendizagens significativas, fortalece autoestima e permite que crianças desenvolvam habilidades para transformar relações sociais marcadas por preconceitos, consolidando uma educação inclusiva e comprometida com justiça social.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa dos discursos científicos sobre *Racismo e Linguagem: Alertas para a Atuação de Educadores Infantis***.** A pesquisa bibliográfica tem papel central na construção do conhecimento, permitindo que os fenômenos educacionais sejam compreendidos em suas múltiplas dimensões e possibilitando a articulação entre teoria e prática pedagógica (Narciso; Santana, 2025). Conforme Morales (2022) e Page et al. (2021), a sistematização de revisões críticas de literatura e a aplicação de protocolos como PRISMA permitem organizar e estruturar informações dispersas, garantindo consistência metodológica e confiabilidade das análises. A escolha por esta abordagem se justifica pela necessidade de interpretar significados, sentidos e processos ligados à prática pedagógica, privilegiando compreensão profunda sobre mensuração quantitativa, conforme enfatiza Silva et al. (2009).

No delineamento da investigação, optou-se pela pesquisa bibliográfica, com objetivo de reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente sobre racismo, linguagem e educação infantil, explorando artigos, dissertações, livros e documentos eletrônicos. Fávero; Centenaro (2019) destacam que a pesquisa documental potencializa a compreensão de políticas e práticas educacionais, permitindo identificar lacunas e tendências no campo. A seleção criteriosa dos materiais baseou-se em critérios de atualidade, relevância temática e rigor acadêmico, incluindo obras disponíveis em plataformas científicas como CAPES, SciELO, Web of Science, Scopus, Google Acadêmico e Academia Edu, de modo a consolidar um panorama robusto do estado da arte (Galvão; Ricarte, 2019).

A etapa de leitura analítica permitiu identificar elementos comuns, tensões e contribuições singulares das obras selecionadas. Creswell (2021) enfatiza que a análise qualitativa exige atenção à complexidade dos fenômenos estudados e à interpretação crítica dos dados, evitando conclusões superficiais. A categorização temática foi utilizada como ferramenta metodológica para organizar os achados, permitindo cruzar informações e identificar padrões, divergências e lacunas conceituais, conforme recomendam Morales (2022) e Narciso; Santana (2025). Esse processo possibilitou a

construção de uma narrativa articulada que expressasse de forma coesa as reflexões sobre racismo, linguagem e práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil.

A pesquisa documental complementa a bibliográfica ao incluir materiais acessados em bases digitais e científicas que apresentam dados empíricos, relatos de experiências e discussões teóricas. Silva et al. (2009) ressaltam que esse tipo de investigação permite ao pesquisador não apenas registrar informações, mas também analisar criticamente contextos e processos, relacionando-os com práticas pedagógicas e políticas educacionais. Essa integração de métodos fortalece a validade do estudo, permitindo identificar nuances na atuação dos educadores e a forma como a linguagem atua como mecanismo de inclusão ou exclusão.

Os procedimentos de análise envolveram a comparação sistemática entre as produções localizadas, a partir de categorias previamente definidas com base nos objetivos específicos do estudo. Creswell (2021) e Galvão; Ricarte (2019) destacam que esse cruzamento de informações evidencia recorrências, contrastes e elementos inovadores, permitindo construir interpretações fundamentadas, críticas e dialógicas. A análise exige do pesquisador sensibilidade metodológica e capacidade de reflexão sobre os dados, garantindo que as conclusões resultem de uma leitura rigorosa e contextualizada das contribuições teóricas e documentais sobre racismo e linguagem na Educação Infantil.

2.2. INTEGRAÇÃO DA BNCC COM PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) constitui um instrumento orientador da educação infantil que articula diversidade, inclusão e equidade como fundamentos do processo pedagógico, oferecendo diretrizes que permitem problematizar preconceitos e construir práticas pedagógicas antirracistas desde os primeiros anos de escolarização. Barros (2017) evidencia que o universo letrado histórico das populações negras no Brasil revela a persistência de desigualdades estruturais que atravessam a educação, mostrando que a presença de conteúdos que valorizem diferentes identidades culturais e étnicas é imprescindível para combater a exclusão simbólica. A BNCC propõe que as atividades lúdicas e pedagógicas integrem narrativas plurais, assegurando representatividade nos materiais escolares e nas interações cotidianas, fortalecendo competências cognitivas, linguísticas e socioemocionais das crianças, ao mesmo tempo que promove consciência crítica sobre diversidade.

A construção de práticas antirracistas na Educação Infantil exige que os educadores reconheçam os dispositivos de racialidade que operam tanto de maneira explícita quanto implícita, moldando percepções sobre quem é valorizado ou marginalizado dentro da escola. Carneiro (2023) afirma que a construção do outro como não ser constitui uma base estruturante das relações sociais, o que torna imprescindível que os professores utilizem a BNCC como guia para transformar a linguagem e as práticas pedagógicas em instrumentos de inclusão. A articulação entre o currículo e ações que

promovam representatividade é essencial para que crianças de diferentes origens étnicas e raciais percebam seu valor social e cultural, desenvolvendo senso crítico e empatia.

A atenção às desigualdades históricas e contemporâneas reforça a necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com as experiências das famílias e da comunidade, pois a aprendizagem infantil não se restringe ao espaço escolar. Braga et al. (2025) destacam que a participação familiar na educação contribui significativamente para o desenvolvimento integral, sobretudo quando crianças enfrentam vulnerabilidades, sendo essencial que o currículo da BNCC incorpore atividades que reflitam a realidade social, cultural e linguística de cada criança. A integração entre escola, família e sociedade fortalece a construção de identidades plurais e possibilita o enfrentamento do racismo desde os primeiros anos, oferecendo caminhos concretos para a promoção de equidade e justiça educacional.

A integração de práticas antirracistas com o currículo formal também deve considerar a linguagem como instrumento central de inclusão ou exclusão. Carvalho; Castro (2017) argumentam que a relação entre currículo, racismo e ensino da língua portuguesa evidencia a necessidade de intervenções pedagógicas que combinem competência linguística e consciência étnico-racial. O uso da linguagem de forma crítica permite que educadores e crianças problematizem estereótipos, questionem narrativas hegemônicas e promovam representatividade cultural nos conteúdos explorados, reforçando que a BNCC não é apenas um documento normativo, mas um recurso estratégico para transformar experiências escolares e sociais em processos de aprendizado significativo e inclusivo.

O enfrentamento das desigualdades históricas também exige reflexão sobre os contextos sociais amplos e sobre os efeitos do racismo estrutural. Dussel (1993) aponta que a modernidade foi construída a partir do encobrimento do Outro, enquanto Fanon (2020) evidencia o impacto psicológico e social das relações raciais sobre indivíduos marginalizados, mostrando a urgência de práticas educativas conscientes e intencionais. Durães (2024) complementa que indicadores como o analfabetismo entre negros e brancos revelam persistência de desigualdades, reforçando que a integração da BNCC com práticas lúdicas e pedagógicas antirracistas constitui um meio essencial para reverter exclusões históricas, valorizar identidades plurais e transformar a Educação Infantil em espaço de equidade, representatividade e formação cidadã desde os primeiros anos.

2.3. OLHAR CARINHOSO E AFETIVO DO EDUCADOR

O olhar carinhoso do educador infantil constitui um elemento central na construção de experiências pedagógicas inclusivas, pois ele se manifesta como sensibilidade e atenção às emoções, necessidades e trajetórias de cada criança. Freitas et al. (2025) afirmam que a atenção cuidadosa às singularidades étnico-raciais e culturais possibilita reconhecer diferenças sem reproduzir estereótipos, promovendo representatividade e respeito no cotidiano escolar. A prática afetiva fortalece vínculos, criando um ambiente seguro e acolhedor, no qual crianças negras, indígenas e de diversas origens

podem desenvolver autoestima e senso de pertencimento, consolidando a função da escola como espaço de proteção e promoção de direitos (Ischkanian et al., 2025a).

A dimensão afetiva do olhar pedagógico também se articula à prevenção e ao enfrentamento do racismo linguístico, pois o educador atento é capaz de identificar microagressões e silenciamentos que atravessam interações e materiais didáticos. Gomes (2005) enfatiza que estratégias pedagógicas conscientes sobre relações raciais são determinantes para transformar práticas excludentes em oportunidades de diálogo e reflexão. Nesse contexto, o professor atua como mediador entre o conhecimento formal e os saberes culturais das crianças, promovendo equidade e reforçando a função da linguagem como instrumento de inclusão, valorizando experiências familiares e coletivas que ampliam a percepção de justiça social desde a infância (Ischkanian et al., 2025b).

O olhar carinhoso não se restringe à dimensão individual, mas se estende à construção de comunidades de aprendizagem que reconhecem a pluralidade de mundos infantis. Ischkanian et al. (2025c) destacam que o envolvimento de famílias, escola e sociedade é decisivo para prevenir a adultização precoce e fortalecer espaços lúdicos nos quais as crianças experimentam afetividade e pertencimento. As interações cuidadosas e intencionais contribuem para que a Educação Infantil seja compreendida não apenas como ensino formal, mas como ambiente de acolhimento, desenvolvimento integral e valorização de identidades historicamente marginalizadas, possibilitando que o currículo e as práticas pedagógicas dialoguem com os princípios da BNCC (Ischkanian et al., 2022a).

A afetividade do educador se entrelaça com a construção histórica e cultural da identidade negra e indígena no Brasil, sendo fundamental reconhecer legados como os de Zumbi e as tradições de saberes ancestrais. Ischkanian et al. (2025d) indicam que a valorização desses patrimônios culturais no cotidiano escolar reforça autoestima, empoderamento e consciência crítica das crianças, integrando elementos lúdicos, narrativos e artísticos que aproximam o mundo infantil de referências históricas significativas. Essa perspectiva fortalece a função da Educação Infantil como espaço de formação integral, capaz de articular aprendizado cognitivo, afetivo e socioemocional de maneira interdependente (Ischkanian et al., 2025e).

O olhar carinhoso deve ser acompanhado de reflexividade e rigor pedagógico, garantindo que práticas educativas sejam fundamentadas em conhecimento sistemático e crítico. Galvão; Ricarte (2019) destacam que a revisão sistemática da literatura permite identificar padrões e lacunas na produção científica sobre educação inclusiva e racismo, enquanto Ischkanian et al. (2022b; 2022c) reforçam a necessidade de integrar práticas pedagógicas lúdicas com estratégias de conscientização étnico-racial. Ao cultivar uma postura afetiva, sensível e crítica, o educador transforma a sala de aula em ambiente propício à expressão plena das identidades infantis, à problematização do racismo e à construção de experiências educativas que promovem justiça social desde os primeiros anos.

.

2.4. OLHAR EDUCACIONAL CRÍTICO

O olhar educacional crítico exige do professor uma percepção sensível sobre as estruturas de poder que atravessam o ambiente escolar, especialmente no que diz respeito à linguagem e às relações étnico-raciais. Freitas et al. (2025) destacam que compreender a historicidade das desigualdades sociais e a construção das diferenças culturais permite ao educador problematizar práticas excludentes e favorecer a inclusão, promovendo a reflexão sobre privilégios e estigmas. Nesse processo, o professor atua como mediador entre o conhecimento formal, os saberes culturais e as experiências vividas pelas crianças, construindo oportunidades de aprendizagem que favoreçam a consciência crítica e a formação cidadã desde os primeiros anos (Ischkanian et al., 2025a).

A prática do olhar crítico também se manifesta na intervenção consciente diante do racismo linguístico, identificando microagressões, silenciamentos e estereótipos presentes nas interações cotidianas. Gomes (2005) reforça que estratégias pedagógicas fundamentadas em reflexão ética e histórica sobre as relações raciais contribuem para a construção de espaços educacionais mais equitativos. Ischkanian et al. (2022a) argumentam que problematizar o currículo e os materiais didáticos possibilita reconhecer e valorizar as identidades negras e indígenas, estimulando nas crianças a capacidade de questionar desigualdades e desenvolver habilidades socioemocionais alinhadas com a justiça social.

O olhar crítico não se restringe à análise das práticas escolares, mas se expande para o diálogo com a família e a comunidade, fortalecendo redes de apoio que valorizem os saberes ancestrais e a diversidade cultural. Braga et al. (2025) indicam que a participação familiar é essencial para potencializar o aprendizado, especialmente em contextos de vulnerabilidade, permitindo que o educador articule práticas pedagógicas que respeitem as trajetórias individuais das crianças. Ischkanian et al. (2025b) ressaltam que preservar a infância e prevenir a adultização precoce exige sensibilidade crítica, orientando ações educativas que promovam autonomia, pertencimento e cuidado integral.

A construção de uma educação crítica também se associa à valorização de referências históricas e culturais que consolidam a identidade de grupos historicamente marginalizados. Ischkanian et al. (2025c) destacam que reconhecer legados como o de Zumbi e integrar práticas lúdicas e artísticas ligadas à ancestralidade favorece a formação de crianças conscientes de sua história e de seu papel social. Bell hooks, conforme Ferreira et al. (2025), reforça que a educação deve ser prática de liberdade, capaz de questionar hierarquias sociais e fomentar uma postura investigativa, crítica e emancipadora no processo de ensino-aprendizagem.

O olhar educacional crítico combina análise, sensibilidade e ação pedagógica, exigindo que o educador articule teoria e prática de forma consistente. Ischkanian et al. (2022b; 2022c) enfatizam que experiências plurais e inclusivas, aliadas a metodologias reflexivas, permitem compreender os efeitos da linguagem e das práticas escolares sobre a constituição identitária das crianças. A adoção desse olhar garante que a Educação Infantil seja espaço de reflexão sobre desigualdades, promoção de direitos e

construção de valores éticos, socioculturais e afetivos, fortalecendo competências críticas e cidadãs desde os primeiros anos de vida.

2.5. LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A ludicidade na Educação Infantil representa uma estratégia pedagógica capaz de articular aprendizagem, experiência cultural e desenvolvimento socioemocional, oferecendo às crianças possibilidades de explorar conceitos complexos por meio do jogo, da arte e da dramatização. Braga et al. (2025) destacam que atividades lúdicas permitem às crianças internalizar valores éticos e sociais, proporcionando compreensão prática sobre diversidade e justiça desde os primeiros anos. Ischkanian et al. (2022a) reforçam que, ao integrar brincadeiras estruturadas e espontâneas, o educador cria contextos nos quais a criança pode experimentar representatividade cultural, questionar estereótipos e reconhecer diferentes formas de expressão e comunicação, fortalecendo competências cognitivas, afetivas e sociais.

O jogo pedagógico se constitui como ferramenta para a problematização das relações de poder e das desigualdades raciais presentes na sociedade, estimulando a reflexão crítica de forma lúdica. Freitas et al. (2025) evidenciam que experiências artísticas e simbólicas, como a confecção de painéis, dramatizações ou histórias coletivas, possibilitam às crianças apropriar-se de narrativas culturais diversas, reconhecendo-se e reconhecendo o outro em um ambiente inclusivo. Ischkanian et al. (2025a) acrescentam que a ludicidade também favorece o desenvolvimento da linguagem e da capacidade de expressão, permitindo que as crianças construam significado sobre identidade, pertencimento e respeito às diferenças, sem reproduzir preconceitos internalizados.

As atividades lúdicas constituem instrumentos estratégicos para aproximar o currículo da vida real e da cultura da criança, favorecendo processos de aprendizagem que transcendem o ensino tradicional. Ischkanian et al. (2025b) enfatizam que a integração de práticas lúdicas com conteúdos antirracistas proporciona experiências educativas significativas, nas quais a criança é protagonista de sua construção de conhecimento e pode vivenciar princípios de equidade e justiça social. Bell hooks, conforme Ferreira et al. (2025), argumenta que a educação deve promover liberdade e crítica às estruturas sociais, e as práticas lúdicas permitem incorporar essas dimensões de forma concreta e experiencial, articulando teoria e prática de maneira afetiva e reflexiva.

O potencial transformador da ludicidade também se manifesta na preservação da infância e na valorização da diversidade de saberes e ancestralidades. Ischkanian et al. (2025c) destacam que a realização de atividades que envolvem arte, música, contação de histórias e trabalhos manuais possibilita o reconhecimento e a valorização de culturas historicamente marginalizadas, como as afro-brasileiras, fortalecendo a autoestima e a identidade das crianças. Ao incorporar elementos de memória e ancestralidade, como ilustrado em ABAYOMI (Ischkanian et al., 2025d), os espaços lúdicos tornam-se instrumentos para transmitir conhecimento cultural, reforçar pertencimento e desenvolver práticas pedagógicas sensíveis à diversidade.

A ludicidade contribui para a construção de um ambiente escolar inclusivo, crítico e afetivo, capaz de articular aprendizagem, socialização e experiência cultural de forma integrada. Ischkanian et al. (2022b; 2022c) afirmam que o uso estratégico de jogos, dramatizações e atividades artísticas proporciona às crianças ferramentas para compreender desigualdades, expressar sentimentos, vivenciar cooperação e construir relações de respeito e empatia. O jogo pedagógico não é mero entretenimento, mas um mecanismo educativo que, quando alinhado a práticas antirracistas e ao olhar crítico do educador, fortalece a formação integral da criança, promovendo desenvolvimento cognitivo, emocional e social em consonância com os princípios da BNCC.

2.6. VALORIZAÇÃO DO MUNDO INFANTIL E DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

O universo infantil deve ser compreendido como um espaço rico em experiências sensoriais, imaginação e descobertas, onde cada criança constrói significado a partir de suas vivências e interações com o meio. Braga et al. (2025) destacam que reconhecer essa riqueza permite que os educadores valorizem os saberes prévios das crianças e incorporem múltiplas linguagens no processo de ensino-aprendizagem, incluindo oral, gestual, musical e artística. Ischkanian et al. (2022a) apontam que essa abordagem contribui para que crianças de diferentes origens étnico-raciais se vejam refletidas nas atividades escolares, fortalecendo a autoestima, o senso de pertencimento e a construção de uma identidade inclusiva desde os primeiros anos de escolarização.

A utilização de linguagens diversas no contexto pedagógico promove o desenvolvimento cognitivo e socioemocional de maneira integrada, possibilitando que conceitos complexos, como justiça, equidade e respeito à diversidade, sejam explorados de forma acessível. Freitas et al. (2025) enfatizam que expressões artísticas e brincadeiras simbólicas permitem às crianças vivenciar narrativas culturais plurais, oferecendo oportunidades para questionar estereótipos e refletir sobre desigualdades históricas. Ischkanian et al. (2025b) reforçam que o trabalho com múltiplas linguagens facilita a construção de significados próprios, ao mesmo tempo que promove a escuta ativa, o diálogo e a interação social, elementos essenciais para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

O reconhecimento do mundo simbólico da infância implica compreender o brincar, a criação artística e a oralidade como instrumentos pedagógicos capazes de transformar práticas educativas. Ischkanian et al. (2025c) destacam que a integração de jogos, contação de histórias e atividades artísticas permite problematizar o racismo e a exclusão de maneira contextualizada e sensível à idade das crianças. Ferreira et al. (2025) complementam que, sob a perspectiva de Bell hooks, a educação deve ser prática de liberdade, possibilitando que as crianças experienciem diferentes modos de pensar, agir e se relacionar, de forma que a ludicidade e a linguagem se tornem caminhos para a consciência social e a construção de valores éticos.

A incorporação de múltiplas linguagens também favorece a transmissão e valorização de saberes ancestrais e culturas historicamente marginalizadas, promovendo reconhecimento e

empoderamento das identidades negras e indígenas. Ischkanian et al. (2025d) exemplificam que projetos como ABAYOMI utilizam arte, música e narrativa para resgatar memórias coletivas, fortalecendo a conexão das crianças com suas raízes culturais. Freitas et al. (2025) reforçam que reconhecer a história e as contribuições de diferentes grupos étnicos amplia a compreensão da criança sobre diversidade e igualdade, incentivando práticas pedagógicas que respeitam diferenças e combatem discriminações estruturais.

A valorização do mundo infantil e das múltiplas linguagens consolida um ambiente educativo inclusivo, afetivo e desafiador, no qual crianças são protagonistas de suas aprendizagens e experiências. Ischkanian et al. (2022b; 2022c) ressaltam que a integração de oralidade, expressão corporal, artes visuais e música permite explorar conteúdos curriculares enquanto se cultivam habilidades socioemocionais e pensamento crítico. Essa abordagem promove uma educação sensível às identidades e contextos das crianças, alinhada às diretrizes da BNCC, fortalecendo a formação integral e preparando-as para interagir com equidade, respeito e criatividade em uma sociedade plural.

3. CONCLUSÃO

A construção de práticas pedagógicas voltadas para a infância demanda que educadores reconheçam e valorizem a singularidade de cada criança, considerando suas experiências, curiosidades e potencialidades. O desenvolvimento integral é potencializado quando ambientes escolares promovem afetividade, escuta ativa e atenção às necessidades individuais, criando espaços seguros para que as crianças se expressem, explorem ideias e construam conhecimento de forma autônoma e significativa. Esse cuidado fortalece vínculos entre educadores e crianças, incentivando o protagonismo infantil e a aprendizagem colaborativa em contextos diversificados.

A incorporação de múltiplas linguagens, incluindo expressão verbal, artística, corporal e musical, amplia as possibilidades de aprendizagem e estimula a criatividade, o pensamento crítico e a resolução de problemas. Atividades lúdicas e experiências simbólicas proporcionam oportunidades para que as crianças compreendam conceitos complexos de maneira concreta, desenvolvendo competências cognitivas e socioemocionais simultaneamente. Além disso, o estímulo à imaginação e à experimentação favorece a curiosidade, a autonomia e a construção de significados próprios, transformando o processo educativo em experiência envolvente e enriquecedora.

A participação ativa de famílias e comunidades no cotidiano escolar constitui um elemento central para o sucesso das práticas pedagógicas, promovendo integração, diálogo e co-responsabilidade na formação das crianças. Quando o ambiente educacional valoriza parcerias, compartilhamento de saberes e experiências culturais diversas, fortalece-se a confiança, a empatia e a capacidade de colaboração entre crianças, professores e familiares. Esse engajamento coletivo contribui para a consolidação de hábitos de aprendizado contínuo, respeito mútuo e reconhecimento das potencialidades individuais, criando uma base sólida para o desenvolvimento integral da criança.

A educação infantil se consolida como espaço de descobertas, aprendizagem e expressão plena, onde cada criança é incentivada a explorar, criar e relacionar-se de forma construtiva. O investimento em estratégias pedagógicas inovadoras, afetivas e interativas permite formar sujeitos confiantes, autônomos e criativos, preparados para interagir de maneira positiva e significativa com o mundo ao seu redor. A valorização da infância como fase essencial para o crescimento pessoal e social garante que a escola seja um ambiente acolhedor, inspirador e estimulante, no qual cada criança possa se desenvolver plenamente e construir caminhos de realização e bem-estar.

REFERÊNCIAS

BARROS, S. A. P. **Universo letrado, educação e população negra na Parahyba do Norte** (Século XIX). 2017. 306 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo, 2017.

BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; DRUMOND ISCHKANIAN, Simone Helen; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; ALMEIDA, Rita Cristina Guimarães de; SIMÕES, David de Almeida; VENDITTE, Neusa; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Contribuições da família para a aprendizagem de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/902922508/O-Papel-Da-Familia-No-Processo-de-Aprendizagem-de-Criancas-Com-Transtornos-Do-Neurodesenvolvimento. Acesso em: 08 jan. 2026**.**

CARNEIRO, S. **O dispositivo de racialidade**: **a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHO, I. B.; CASTRO, A. C. **Currículo, racismo e o ensino de língua portuguesa: as relações étnico-raciais na educação e na sociedade.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 38, n. 138, p. 133-151, jan.-mar. 2017.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DURÃES, W. **Analfabetismo entre negros é o dobro de brancos; Nordeste tem maior taxa.** Portal Uol São Paulo, 22 mar. 2024.

DUSSEL, E. **1492 – o encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas** São Paulo: Ubu, 2020.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

FERREIRA, Juliana Balta; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Bell Hooks (1952–2021) e a educação como prática de liberdade e crítica às estruturas sociais**. Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/924645587/Bell-Hooks-e-a-Educacao-Como-Pratica-de-Liberdade-e-Critica-As-Estruturas-Sociais-Juliana-Balta-Ferreira. Acesso em: 06 jan. 2026**.**

FREITAS, Marcos Aurélio dos Santos; DRUMOND ISCHKANIAN, Simone Helen; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; RIBEIRO, Natalina Farias; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Cores e raças no Brasil: uma análise crítica sobre a construção histórica da luta pela igualdade de direitos e pelo reconhecimento cultural das descendências.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111f465dd40989f. Acesso em: 08 jan. 2026**.**

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

GOMES, N. L. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** In: MUNANGA, K. (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, 2005.
HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; AZEVEDO, Celine Maria de Sousa; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VENDITTE, Neusa; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **O desafio de preservar a infância: como família, escola e sociedade podem prevenir a adultização precoce.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/143608550/O_DESAFIO_DE_PRESERVAR_A_INF%C3%82NCIA_COM O_FAM%C3%8DLIA_ESCOLA_E_SOCIEDADE_PODEM_PREVENIR_A_ADULTIZA%C3%87% C3%83O_PRECOCE. Acesso em: 07 jan. 2026**.**

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; FREITAS, Marcos Aurélio dos Santos; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; AZEVEDO, Celine Maria de Sousa; AMARO, Ana Luzia; COMB, Dilani da Cruz MC. **A importância histórica de Zumbi e o legado da consciência negra na construção da identidade brasileira.** Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://www.academia.edu/144701366/A_IMPORT%C3%82NCIA_HIST%C3%93RICA_DE_ZUMBI _E_O_LEGADO_DA_CONSCI%C3%8ANCIA_NEGRA_NA_CONSTRU%C3%87%C3%83O_DA_I DENTIDADE_BRASILEIRA. Acesso em: 08 jan. 2026**.**

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; RODRIGUES, Rosimery Mendes; LIMA, Ana Maria Bárbara; CARVALHO, Silvana Nascimento de; VENDITTE, Neusa; AZEVEDO, Celine Maria de Sousa; VIANA, Fabiane Bandeira; SANTOS, Priscilla Nayane Magalhães Ribeiro dos; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **ABAYOMI: a ancestralidade por meio da arte dos retalhos, saberes e memórias**. Clube de Autores, 2025. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/930235366/Abayomi-a-Ancestralidade-Por-Meio-Da-Arte-Dos-Retalhos-Saberes-e-Memorias-Sp-Prefeitura. Acesso em: 06 jan. 2026**.**

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; LIMA, Marília da Silva; GOMES, Rodrigo da Vitória; FERREIRA, Marli Balta; SANTOS, Ana Luzia Amaro dos; SOUZA, Alcione Santos de. **Educação contemporânea: sou preto e eu índio, possibilidades, (in) ou (ex)clusão, tecnologias, saúde, direitos constitucionais, desafios e avanços socioculturais.** In: MASON, Ana Paula Uliana; SANTOS, Marcilení dos (org.). Educação contemporânea: realidade, possibilidades e desafios**.** Itapiranga: Schreiben, 2022. p. 123. E-book (PDF). EISBN: 978-65-5440-058-9. DOI: https://doi.org/10.29327/5135608.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; SOUZA, Alcione Santos de; BARBOSA, Vinicius Guiraldelli; DUQUE, Rita de Cássia Soares; CABRAL, Gladys Nogueira; SILVA, Eliana Drumond de Carvalho. **Questões raciais: história, educação, perspectivas, desafios e o mundo da criança preta.** In: MASON, Ana Paula Uliana; SANTOS, Marcilení dos (org.). *Educação contemporânea: realidade, possibilidades e desafios*. Itapiranga: Schreiben, 2022. p. 63. E-book (PDF). EISBN: 978-65-5440-058-9. DOI: https://doi.org/10.29327/5135608.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; SOUZA, Alcione Santos de; BARBOSA, Vinicius Guiraldelli; DUQUE, Rita de Cássia Soares; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; LIMA, Adriana Alves de. **Infância e a educação brasileira em cena: olhares plurais na arte de educar.** In: MASON, Ana Paula Uliana; SANTOS, Marcilení dos (org.). Educação contemporânea: realidade, possibilidades e desafios. Itapiranga: Schreiben, 2022. p. 89. E-book (PDF). EISBN: 978-65-5440-058-9. DOI: https://doi.org/10.29327/5135608.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: **episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital** São Paulo: Boitempo, 2005.

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo.** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PAGE, M. J et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** BMJ, v. 1, n. 1, p. 1-1, 29 mar. 2021.

PIVA, C. T. M. **Educação das relações étnico-raciais e prática pedagógica.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo de Conhecimento, ano 5, ed. 4. v. 2, p. 44-61, 2020.

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência:** poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.